

LEONARDO CHIANCA • JANUÁRIA CRISTINA ALVES  
ROSANA RIOS • GISELDA LAPORTA NICOLELIS  
RICARDO GOUVEIA

Ilustrações  
CRIS & JEAN

# FUTURO FEITO À MÃO



5ª edição

Conforme a nova ortografia

**Copyright** © Autores, 1997

---

*Editora:* CLAUDIA ABELING-SZABO  
*Assistente editorial:* NAIR HITOMI KAYO  
*Suplemento de trabalho:* DILETA A. D. FRANKLIN DE MATOS  
*Coordenação de revisão:* LIVIA MARIA GIORGIO  
*Gerência de arte:* NAIR DE MEDEIROS BARBOSA  
*Supervisão de arte:* JOÃO BATISTA RIBEIRO FILHO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Futuro feito à mão / Rosana Rios et al. ; ilustrações  
Cris & Jean. — São Paulo : Saraiva, 1997. — (Jabuti)  
Outros autores: Ricardo Gouveia, Leonardo Chianca, Januária Cristina Alves, Giselda Laporta Nicoletis.

ISBN 978-85-02-02398-7

1. Literatura infantojuvenil I. Rios, Rosana. II. Gouveia, Ricardo. III. Chianca, Leonardo. IV. Alves, Januária Cristina. V. Nicoletis, Giselda Laporta. VI. Cris. VII. Jean. VIII. Série.

97-3006

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

8ª tiragem, 2017

Direitos reservados à  
SARAIVA Educação Ltda.  
Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP  
Tel.: (0XX11) 4003-3061  
[www.editorasaraiva.com.br](http://www.editorasaraiva.com.br)

CL: 810101  
CAE: 571372

## SUMÁRIO

Apresentação, **5**  
*Eliane Arbex Rodrigues*

O fator humano, **7**  
*Rosana Rios*

Futuro feito à mão, **23**  
*Leonardo Chianca*

Carpe Diem, **35**  
*Giselda Laporta Nicoletis*

Quando voam os dragões, **47**  
*Ricardo Gouveia*

Olhar com o coração, **65**  
*Januária Cristina Alves*



## Apresentação

Podemos deduzir que os animais, de forma geral, são todos trabalhadores: as abelhas, com sua produção de mel, os castores, na construção de diques, os cães, em serviço de vigilância...

Essa afirmação, entretanto, só tem validade no âmbito da metáfora. Os irracionais agem por instinto. Trazem suas habilidades gravadas no código genético. Nascem com um saber predeterminado e trabalham sob o impulso obsessivo da produção inconsciente. Nesse ponto, chegamos perto do que frequentemente se chama de vocação: nada mais que a predeterminação, um chamado divino ou um impulso orgânico para esta ou aquela atividade. Deixando de lado o fator cultural, social, intelectual e emocional do indivíduo que, apesar de semelhante não é idêntico a ninguém, a vocação sozinha não significa muita coisa. Ora, se ela existisse de uma forma tão pura, não haveria como nem por que explicar o conflito que aflige a maioria absoluta dos jovens em fase de escolha da profissão.

Entender o trabalho humano como uma das fontes de prazer da vida é admiti-lo como o produto final de um processo de decisão, que envolve muitas variáveis e critérios especiais.

Com efeito, o homem trabalha para suprir suas necessidades, ou melhor, as suas e as da sociedade em que vive. Oferece aos seus pares o que sabe fazer de melhor e deles recebe o que precisa para sobreviver satisfatoriamente. Embora não caiba aqui a questão dos excluídos e dos marginalizados sociais, define-se a função social do trabalho na troca de habilidades, competências e objetivos entre os semelhantes.

O tempo e o espaço em que vivemos marcam nossos interesses, escala de valores, aptidões e desejos. Determinam também nossos mitos e preconceitos, além de alimentarem ideias estereotipadas e enviesadas a respeito de muitas coisas, inclusive as que dizem respeito às profissões ou aos profissionais.

Os contos deste livro não se prestam a estabelecer teorias ou normas sobre o assunto; os autores abordam alguns aspectos familiares,

institucionais e subjetivos e, ainda que sob o aspecto da ficção, as histórias e os personagens não parecem ter sido concebidos por mera coincidência ou sem semelhança com pessoas conhecidas. Propõem, cada um por si, a reflexão sobre os diferentes prismas do problema da escolha da profissão, desmistificam fantasias, mostram as pedras do caminho, a necessidade de atualização da carreira e a função social do trabalho.

A descrição dinâmica de casos diferentes, que decididamente poderiam ter acontecido com qualquer um de nós, permite e convida o leitor em conflito a elaborar um plano de investigação de suas potencialidades, desejos e possibilidades, assim como amplia seu conhecimento sobre as peculiaridades das atividades que mais o atraem.

Conhecer o mundo em que vivemos, e conhecer a nós mesmos antes da tomada de uma decisão tão importante, é o que fundamentalmente faz a diferença entre as atitudes aleatórias, sujeitas ao fracasso, e as conscientes, que possibilitam o sucesso.

Uma boa escolha embasa-se no conhecimento da realidade, quer seja ela externa ou interna, objetiva ou subjetiva.

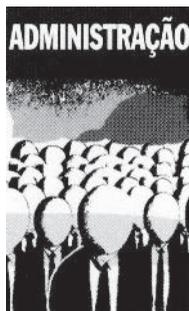
Uma atividade satisfatória é aquela que nos permite lidar com nosso objeto de trabalho preferido: pessoas, dados ou coisas.

Uma profissão gratificante é a que nos proporciona atingir nossos objetivos mais autênticos: ensinar, curar, ajudar, criar, divertir, vender, administrar, fabricar, julgar...

Uma carreira realizadora, enfim, é aquela em que podemos fazer o que nos dá prazer e ainda sermos reconhecidos e recompensados dignamente por isso.

*Eliane Arbex Rodrigues*

Psicoterapeuta e psicopedagoga. Diretora do IAPP —  
Instituto de Atendimento Psicológico e Psicopedagógico/SP



## ○ fator humano

João Euclides tentou mexer o pé engessado. Não doía mais... Luxação, a médica do ambulatório tinha dito. E só imobilizar e numa semana fica bom.

“Uma semana!”, pensou o garoto, desanimado. “Minha mãe vai ter um ataque.”

João Euclides imaginou-se por sete dias atravessando as ruas de terra de seu bairro, pegando o trem, o ônibus, percorrendo as filas dos bancos e cartórios. Concluiu que um pé engessado, para um *office-boy*, era a pior coisa que poderia acontecer.

Mas ele pensaria nisso mais tarde. Essencialmente prático, João Euclides não gostava de antecipar problemas. Ouvira, como todo mundo na empresa, falar do corte de 20% na folha de pagamento e não passara mais que alguns segundos pensando no assunto. Esperava não ser mandado embora, mas acreditava que o que tivesse de acontecer, aconteceria — caso ele esquentasse a cabeça ou não. No momento, sua prioridade era descobrir como sair do prédio e pegar o ônibus a tempo, com o pé daquele jeito.

Tentou levantar-se e sentiu, aguda, a dor voltar ao pé direito.

— Você tem que ir devagar no começo — disse a atendente do ambulatório, ajudando-o. — Quer que eu chame algum colega seu pra ajudar?

Ele se lembrou do outro *boy*.

— Vê se a senhora acha o Nelsinho. Na Gerência da área de Treinamento, 17º andar. Ele pega o mesmo ônibus que eu.

Se conseguisse pegar a condução, alguém na estação do trem o ajudaria a chegar em casa... Sentou-se novamente, enquanto a moça procurava um número na lista de ramais.

\*

... Atenciosamente,  
Samantha S.  
Gerente

Samantha releu as últimas palavras da carta e hesitou alguns segundos, antes de digitar o comando *CTRL P*. Mas foram poucos segundos. Logo pressionou a tecla *enter* frente à caixa de diálogo no menu de impressão e levantou-se, o cansaço doendo em seus olhos. Ficara tempo demais em frente ao micro...

Pegou o copo descartável que Alice, a secretária, deixara a seu lado havia pelo menos meia hora, e foi tomar o café frio junto à janela. Assim que o suave chiado da impressora a *laser* denunciou o fim da impressão, Samantha voltou rapidamente à mesa. Um comando *CTRL T* selecionou o arquivo inteiro, e, sentindo um prazer até então desconhecido, Samantha pressionou *delete* e *enter*.

Sim, tinha certeza de que desejava “deletar” o arquivo. Não queria que sua carta de demissão fosse lida por algum curioso que, num dos inúmeros terminais, nos vinte e dois andares da sede da empresa, acessasse seus arquivos na rede por alguns desses acasos informáticos que ninguém entendia por que aconteciam.

Samantha deixou escapar um suspiro e pegou a folha na bandeja superior da impressora. Sem relê-la, guardou-a na pasta de couro, entre as páginas da última planilha de custos e a lista dos funcionários da divisão que ela, segundo as instruções de seu antipático diretor, deveria demitir naquela semana — colaborando com o malfadado corte de 20% na folha.